

## OS PAPANGUS: VIVÊNCIAS E NARRATIVAS SOBRE OS RITOS CULTURAIS

Ana Clara de Castro Lopes<sup>1</sup>  
Evelane Mendonça Lima<sup>2</sup>  
Preciliana Barreto de Morais<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho objetiva registrar em uma perspectiva etnográfica o Festival dos Papangus que ocorre no período da Semana Santa, mais especificamente na sexta-feira, sábado e domingo, no município de Beberibe - CE. Temos como intuito trabalhar as significações que essa festa assume tanto em relação aos participantes quanto aos moradores da região. Para tanto, nos utilizamos da pesquisa de campo e como metodologia a observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos, dos quais apontamos como dificuldade para a sua obtenção a aproximação com os sujeitos que desejávamos entrevistar, pois alguns se mostravam tímidos e outros desconfiados, de forma que inicialmente manter um diálogo e/ou fotografá-los era um pouco difícil, mas no decorrer da pesquisa conseguimos romper parte dessa barreira e com isso chegar às questões que aqui apresentamos. Ao longo do trabalho nos deparamos com um cenário que se mostrou bastante complexo. Além disso, tal ambiente revelou-se marcado de forma distinta no imaginário de cada indivíduo que vivencia, transforma e ressignifica.

**Palavras-chave:** Festival dos Papangus. Pesquisa de Campo. Observação Participante.

### INTRODUÇÃO

O trabalho foi desenvolvido na disciplina de Antropologia II do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE e teve como enfoque o campo em seu sentido antropológico e, conseqüentemente, a realização de uma observação participante para registrar, em uma perspectiva etnográfica, o Festival dos Papangus que ocorre no período da Semana Santa, mais especificamente na sexta-feira, sábado e domingo, no município de Beberibe - CE. O propósito é compreender como os sujeitos vivenciam os ritos culturais realizados durante o Festival, tanto aqueles que brincam a festa, se vestem de monstros e utilizam seus chicotes (os chamados Papangus), como também os moradores da região. Com

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [ana73026@gmail.com](mailto:ana73026@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [evelane.mendonca1@gmail.com](mailto:evelane.mendonca1@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora orientadora: Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, docente do Curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará - UECE, [preciliana.morais@uece.br](mailto:preciliana.morais@uece.br)

esse intuito, procuramos conhecer as suas percepções sobre tais ritos e, a partir delas, elaboramos um quadro etnográfico representativo das vivências dos sujeitos nesses ritos e das percepções destes sobre os mesmos. Com essa metodologia nos deparamos com alguns aspectos subjetivos de cada indivíduo participe ou não dos rituais, como também pudemos verificar as particularidades culturais do evento e da região. Destaca-se, ainda, que não é o objetivo de nossa pesquisa esgotar a temática em questão, mas analisar de forma qualitativa os dados que nos foi possível obter a partir dela.

## **METODOLOGIA**

Como principal suporte metodológico para a realização da pesquisa lançamos mão da prática etnográfica que teve Malinowski como um dos seus principais expoentes. Acerca disso Durham pontua que "a grande inovação de Malinowski no trabalho de campo consistiu na prática do que é chamado hoje em dia observação participante" (DURHAM, 1976, p. 13)

Assim, buscamos dar ênfase no "estar lá", ou seja, estar presente no campo de pesquisa, pois acreditamos que o "estar lá" exerça de fato relevância no que tange à experiência científica. Além disso, por meio dessa metodologia nos foi possível dar visibilidade aos discursos e narrativas dos sujeitos, os quais não podem ser considerados passivos diante da dinamicidade cultural. Uma outra questão relevante, a partir da nossa ida ao campo, foi exercitar o que Cardoso (2000) denominou como "as principais faculdades do entendimento": "o olhar", "o ouvir" e a partir deste trabalho "o escrever", nos possibilitando experiências de suma importância para nossa formação profissional.

Dessa forma, procuramos delinear alguns aspectos concernentes à pesquisa qualitativa pontuando as contribuições de Minayo (1994) quando defende que,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22)

Assim, a partir de uma pesquisa/ análise qualitativa objetivamos compreender os significados que os sujeitos atribuem aquele Festival e os ritos praticados dentro e em torno dele.

Visando alcançar os objetivos traçados, a pesquisa foi dividida em dois momentos: o primeiro buscou coletar as narrativas dos moradores da região de Piquiri I, um dos distritos de Beberibe nos dias 18 e 20 de abril de 2019, e o segundo, procurou-se ouvir as narrativas dos próprios Papangus no dia 21 de abril do ano em questão. Apontamos como nossa principal dificuldade a desconfiança, principalmente dos Papangus, em relação a nossa pesquisa e a timidez de alguns moradores com os quais conversamos. Com ambos os grupos realizamos o total de cinco entrevistas, o que possibilitou uma análise descritiva e reflexiva em torno dos dados empíricos obtidos. Além disso, procuramos estar inseridas durante todo o tempo que nos foi possível, próximo ao clube em que o Festival acontecia, o Rikitus Clube, observando suas práticas e seus sujeitos.

## **DESENVOLVIMENTO**

Antes de efetivamente descrever as vivências dos nossos interlocutores com relação ao evento, solicitamos que eles, no início da entrevista, nos respondessem algumas questões, a fim de delinear um perfil sociocultural e pessoal. As questões foram sobre faixa etária, tempo de moradia naquele distrito; profissão e religião. Assim obtivemos que nossos entrevistados possuíam idades entre 65 e 80 anos, todos católicos e moradores da região de Piquiri I, tendo dois dos entrevistados residido na cidade de Fortaleza e os demais tendo permanecido na região de nascimento. Quanto às mulheres que entrevistamos todas nos disseram ser donas de casa e com relação às ocupações masculinas um dos sujeitos era agricultor e o outro comerciante.

A escolha desse grupo geracional de idade mais avançada parte da perspectiva de que este poderia compartilhar conosco algumas de suas lembranças e vivências relacionadas ao Festival dos Papangus, nos possibilitando compreender também como este era realizado em tempos passados. Além disso, consideramos que a memória desse grupo idoso deve ser considerada relevante para a manutenção de uma identidade daquela região. Assim, confluindo com essas reflexões, Bosi (1979, p. 23-24) aponta que “[...] em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças”.

Estivemos na data de 21 de abril no Clube Rikitus onde o Festival tinha ocorrido no ano anterior e seria realizado no ano em questão. Chegamos cedo e dessa forma, conseguimos

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

realizar 5 entrevistas com os Papangus antes que o local estivesse muito cheio e/ou as pessoas muito embriagadas. No primeiro momento de identificação dos sujeitos perguntamos de onde vinham e suas respectivas idades. O primeiro indivíduo nos disse que vinha de Sucatinga e tinha 21 anos; um outro que o acompanhava tinha 27 anos e vinha da mesma região; Já o terceiro sujeito entrevistado nos disse vir de Fortaleza e ter 40 anos; Quanto aos outros dois entrevistados, ambos preferiram não se identificar.

A abordagem aos sujeitos foi relativamente difícil, pois eles se mostraram desconfiados com a nossa presença e os poucos que se dispuseram a falar conosco se mostravam pouco à vontade e/ou esquivos, porém mesmo com tais empecilhos conseguimos obter algumas informações importantes para a nossa pesquisa. Quanto a caracterização física dos sujeitos, todos usavam fantasias coloridas e chamativas, não as tendo tirado durante as entrevistas. Um fator interessante a ser destacado é a dificuldade de identificar mulheres fantasiadas de Papangus, sendo todos os entrevistados homens.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como ressaltamos anteriormente as entrevistas que realizamos com os moradores de Piquiri I foram divididas em dois blocos: o primeiro de identificação em que perguntávamos nome; idade; quanto tempo morava naquele distrito; profissão e religião. Este procedimento permitiu uma caracterização inicial dos sujeitos. O segundo voltou-se para a compreensão do que seria o Festival dos Papangus, o que faziam os sujeitos que dele participavam e quais as percepções dos moradores acerca dessas questões. Para uma compreensão mais adequada acerca das percepções com as quais nos deparamos durante esta análise, apresentamos alguns registros feitos pelos sujeitos que entrevistamos.

No momento inicial e tendo em consideração que era nosso primeiro contato não só com aquelas pessoas, mas com esse Festival, procuramos saber o que era aquele Festival? Como foi seu início? Quem eram seus sujeitos? Destacando que os nomes que utilizamos nas transcrições das entrevistas, assim como suas respectivas idades correspondem à realidade das mesmas e que para que pudéssemos fazer esse registro pedimos permissão e explicamos que se tratava de uma atividade para uma disciplina que cursávamos na Universidade, nos sendo permitida tal descrição por todos os cinco entrevistados. Duas das nossas entrevistadas relataram as suas experiências, recorrendo principalmente, as lembranças da infância.

Eu conheço essa tradição dos Papangus desde eu muito criança, porque tinha muitas pessoas que brincava de Papangu, aí eu tinha medo, eu quando era criança. Aí meu pai me levava até a porta da frente porque eu ficava sempre no quintal com medo, aí ele me levava e como eu tava nos braços dele, eu já grande, mas ele me colocava nos braços e como eu tava nos braços dele eu ficava observando e não tinha medo. (Terezinha, 65 anos)

Eu conheço essa tradição desde que eu me entendi no mundo porque o papai era um dos que comemorava a data dos Papangus. (Raimunda, 77 anos)

A partir da fala dessas mulheres, percebemos que as formas como elas vivenciaram o Festival estava muito imbricada com as representações da infância, que muitas vezes são repletas de receios, fantasias, medos etc. Entretanto, percebe-se, ao mesmo tempo, a relevância da família, identificada pela figura masculina do pai, no empenho de manter a tradição e a relevância da festa para as novas gerações de filhos, como um acontecimento que faz parte da história do lugar. Nesse contexto, percebe-se como a cultura vai sendo internalizada na criança com o propósito de socializá-la com as maneiras de agir e pensar do meio. Entretanto, mesmo com o processo de socialização sendo intencional, ou seja, constituir os sujeitos como produto do meio, no decorrer do desenvolvimento os indivíduos tendem a transformar e ressignificar os processos apreendidos. Acerca disso Sapir (2015) destaca:

Na verdade, a cultura não é de maneira alguma um "dado". Ela só o é por uma polida convenção de linguagem. Assim que nos posicionamos do ponto de vista da criança que adquire a cultura, as definições de personalidade e os potenciais que jamais devemos perder de vista sequer por um momento, e que estão destinados desde os momentos mais iniciais a interpretar, avaliar e modificar todo o padrão, subpadrão ou conjunto de padrões culturais pelos quais ela será algum dia influenciada, tudo se transforma. A cultura não é algo dado, mas algo a ser descoberto aos poucos e às apalpadelas. (SAPIR, 2015, p. 121)

Assim, constatamos por meio da fala dos nossos entrevistados que as representações dos moradores sobre o Festival dos Papangus apresentam alguns sentimentos controversos. Podemos destacar os seguintes: participação convicta de alguns; identificação parcial de outros; como também sentimento de indiferença ou não identificação de um percentual menos significativo.

Em se tratando de crianças e na presença/participação destas no Festival dos Papangus, durante nossa pesquisa de campo, identificamos uma presença significativa desse grupo. Pedimos somente para registrá-lo na fotografia, por considerar que não seria apropriado fazermos perguntas as crianças, já que essas não faziam parte do nosso universo de entrevistados.



Figura 1: Crianças vestidas de Papangus

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Em contrapartida, as falas das entrevistadas anteriores nos trouxeram informações relevantes, dentre elas as que se referem à origem do Festival.

A origem dos Papangus eu acho que não tem fundamental nisso, tudo é coisa inventada pelo homem e esses Papangus a gente tem medo e desde eu pequena que eu vejo que eles são como Judas: traidor e se escondem porque se fosse boa coisa não precisava se esconder. (Judite, 67 anos)

Percebemos então que o registro desta senhora já parte de um olhar mais religioso e fundamentado na discordância dos ritos que ela visualiza como algo associado ao profano. Em outro momento ela aponta: “As pessoas que participam dessa tradição são as que não tem conhecimento com Deus, jovens” (Judite, 67 anos)

Decorrente desse contexto narrativo verificou-se a preponderância do viés religioso. Como ele está presente nas falas desses sujeitos. A religião aparece como uma forma de viver e ver o mundo, moldando os valores e a sua conduta, aspectos esses debatidos por Clifford Geertz em sua obra *A interpretação de Culturas*, mais especificamente no capítulo intitulado "Ethos", quando discute sobre a visão de mundo e analisa os símbolos sagrados.

Um conjunto de símbolos sagrados, tecido numa espécie de todo ordenado, é o que forma um sistema religioso. Para aqueles comprometidos com ele, tal sistema religioso parece mediar um conhecimento genuíno, o conhecimento das condições essenciais nos termos das quais a vida tem que ser necessariamente vivida. (GEERTZ, 1978, p. 95)

Mais adiante e acerca dos sujeitos que brincavam e de suas vestimentas, nossos entrevistados nos trouxeram algumas contribuições: “Quem brinca é as pessoas mais nova, os véi não brinca não” (Matoso, 80 anos)

Foi consenso entre nossos entrevistados que quem brincava no Festival dos Papangus eram as pessoas jovens, sendo deixadas de lado as pessoas mais velhas. Na fala de dois deles, mais especificamente dos homens, parecia haver uma espécie de melancolia por não estarem mais inclusos em ocasiões de brincadeira e festa como esta. Já com relação às roupas

Eles fazem roupa de todo jeito, os trajes deles são do jeito que você quer, eles usam roupas de mulher, eles usam roupas de homem, eles botam máscara no rosto deles. Antigamente as máscaras eram umas máscaras bonitas, não era essas de hoje que quando a gente vê aquele dentão, é um chifre, é assim uma coisa feia. Antigamente pegava um pedaço de papelão, botava um bigode, uma cauda de jumento, fazia o rosto, os olhos, cobria a cabeça com um pano para trás, não tinha quase despesa de nada e hoje é muita coisa para brincar o Papangu, já tem muita despesa. (Raimunda, 77 anos)

Eles se vestem de roupas muito longas para não mostrar nada. Eles ficam, uns colocam chapéu, outros colocam só a capa mesmo das vestes e é com as luvas para a gente não conhecer nada deles e ficam sempre fazendo aquelas coisas com a gente, fazendo macaquice, e ainda continuam fazendo medo às crianças (Terezinha, 77 anos)

A partir dessas narrativas percebemos que a maior parte do público que brinca os Papangus são jovens e algumas crianças como já foi apontado e identificado em nossa pesquisa. Entretanto, verificamos que as famílias, com membros de diversas gerações e gêneros, também participam desse evento. Na ocasião em que estávamos *insitu* nos deparamos com uma família da qual nos aproximamos e confirmamos. Pedimos para fotografá-la, o que nos foi atendido prontamente.



Figura 2: Família vestida de Papangus

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Da esquerda para direita estão: pai, mãe, filho e filha.

Outro aspecto que destacamos com relação às entrevistas realizadas com os moradores da região de Piquiri I diz respeito às modificações ocorridas no Festival dos Papangus. Segundo os depoimentos abaixo,

Modificou muita coisa porque antigamente até os senhores de idade brincavam, só homem, hoje em dia é jovem, é menino, é masculino, mas mais é o jovem, mas antigamente mais eram os idosos, agora não, até criança brinca de Papangu. (Terezinha, 65 anos)

Antigamente era máscara de papelão hoje eles já compram no comércio. (Matoso, 80 anos)

Percebemos também com relação ao Festival que, um dos fatores apontados é o que se refere as vestimentas, nelas havia uma predominância masculina, que identificamos continuar vigente, haja vista a nossa dificuldade de identificar mulheres caracterizadas como Papangus.

Dessa forma, evidenciamos que muitas dessas questões são orientadas pela tradição caracterizada pelo machismo e patriarcalismo, como também pela religião que identifica nas brincadeiras elementos associados às condutas profanas. Assim, cabe destacar um viés de brincadeira, diversão, mas também religioso em que o ato de vestir-se e usar máscara é apontado como distanciamento de Deus, em que inclusive a queima do Judas na Sexta-feira Santa é considerada uma prática ruim, como podemos visualizar na fala de Dona Terezinha

Os Papangus que estão chicoteando é porque eles ficaram revoltados pelo que eles fizeram com Jesus e os que choram é porque eles sentiam era vontade, porque eles deram o apoio à Judas para maltratar Jesus. (Terezinha, 65 anos)

Constatamos por meio do registro dos entrevistados que as representações apresentam uma diversidade significativa, comprometendo as tentativas das culturas em manter seus ritos tradicionais e ratificando a dificuldade das mesmas em padronizar esses ritos devido a diversidade de sentidos presentes nos sujeitos, que mesmo vivenciando uma cultura desde que nascem, não necessariamente comungam com os seus modelos. As falas dos nossos entrevistados e as suas percepções são as mais variadas, o que torna a pesquisa em torno dessa temática bastante desafiadora.

As entrevistas com os Papangus também foram desenvolvidas em dois momentos, sendo o primeiro de identificação. Este processo foi bem mais rápido do que as entrevistas que realizamos com os moradores de Piquiri I. Os Papangus hesitaram em nos dizer inclusive suas respectivas idades, ficando nosso público, a partir da amostra daqueles que responderam, entre 21 e 40 anos. Dois dos sujeitos entrevistados advinham de Sucatinga, município próximo, e outro vinha de Fortaleza. Muito esquivos, dois de nossos entrevistados optaram por não identificarem-se, chegando um deles a dizer que "vinha do inferno".

Dessa forma, e com a dificuldade que nos impunha o ambiente, conseguimos pontuar a partir das falas deles, que não puderam ser transcritas porque não nos foi autorizado pelos

sujeitos gravá-las, sendo possível apenas escrever muito rapidamente os pontos que eles traziam, como por exemplo, que nenhum deles participava da queima do Judas e/ou concordava com ela e que os motivos que os traziam até ali era beber e brincar com os amigos. Um deles, que não se identificou, pontuou que “Aquela Festa era legal porque não tinha em outros cantos.”

Nosso entrevistado destaca então a originalidade da festa em questão, pontuando seu caráter único. Um deles disse ainda que o fato de usar máscara e não ser facilmente identificado era algo que ele gostava. Infelizmente ele não nos deixou adentrar o assunto, mas tais procedimentos e sensações, analisamos como sendo uma forma de se sentirem livres e poder agir com liberdade sem serem reconhecidos, exatamente por não conseguir identificar quem está por trás da máscara. Durante a pesquisa e mais especificamente durante as entrevistas, uma de nós fomos inclusive assediadas, chegando dois sujeitos a pedirem beijos e outro a beijar o pescoço de uma das estudantes que realizava a pesquisa. Tais assédios estavam protegidos pelas máscaras.

Assim, a nossa análise acerca das entrevistas que realizamos com os Papangus está mais pautada nos aspectos de brincadeira e festa que eles nos trouxeram, se contrapondo as falas que foram trazidas por alguns moradores que apresentavam cunho mais religioso. Dessa forma, nos surgiu a interrogação se o Festival em questão se tratava de uma festa mais profana ou de algo mais religioso? Acerca desse questionamento Ribeiro (2006) esclarece que “[...] não se pode pensar o sagrado e o profano como momentos antagônicos, mas, antes, como aspectos complementares da fé popular” (RIBEIRO, 2006, p. 93)

Assim, por ocorrer em um momento religioso, a Semana Santa, que é posterior a Quaresma, período marcado por tradições e práticas cristãs, o Festival dos Papangus é apontado como algo decorrente da queima do Judas, associado a traição deste a Jesus Cristo. Por outro lado, é vivenciado não como prática religiosa, mas como um momento para brincar e estar com os amigos, divertir-se. Encontramos esses dois registros nas falas de nossos interlocutores evidenciando assim a multiplicidade de visões de mundo com as quais nos deparamos, sendo este um campo rico de interpretações. Dessa forma, não cabendo um esgotamento da pesquisa em questão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estar em campo é um grande desafio, ainda mais se tratando de estudantes que, por vezes, em ambiente acadêmico passam a dominar mais o campo teórico em detrimento do prático. Assim, estar em campo para a realização desta pesquisa foi surpreendente. Através da mesma pudemos conhecer o Festival dos Papangus, compreender inicialmente do que se tratava e organizar as informações para a escrita do trabalho em questão.

Nesse sentido, o Festival nos aparece com diferentes facetas, não somente pelo viés dos moradores e dos Papangus que percebem o evento de formas diferenciadas, mas principalmente pelas diferenças que nos foi possível identificar nas falas dos moradores entre si, levando em consideração as vivências de cada um desses sujeitos.

Assim, pontuamos que o Festival é bem mais interessante e complexo do que uma dicotomia entre religioso e profano, bom ou mau. Tornando-se um campo de estudo e pesquisa fértil.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor LTDA, 1979.

DURHAM, Eunice. **Malinowski (1884-1942).** Vida e Obra. In: Argonautas do Pacífico Ocidental [1922]. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MINAYO, Maria Cecília Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília Souza (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo.** 2. ed. Brasília: Paralelo15, São Paulo: Editora UNESP, 2000.

RIBEIRO, Josiane. **Penitência e Festa:** As missões do padre Ibiapina. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2006.

SAPIR, Edward. A emergência do conceito de personalidade em um estudo de culturas. In: CASTRO, C. (org.). **Cultura e personalidade:** Ruth Benedict, Margareth Mead, Edward Sapir. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.